

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA SUPERIOR DE AGRICULTURA “LUIZ DE QUEIROZ”
LCF 5875 - OFICINA DE EDUCAÇÃO SUPERIOR

Agroecologia e empoderamento comunitário no bairro Guapiruvu

Discentes:

Anna Fridha Ott

Germano Chagas

Giovana Reali

Docente:

Marcos Sorrentino

Piracicaba - SP

Janeiro de 2021

SUMÁRIO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO	3
2. JUSTIFICATIVA	4
3. OBJETIVOS	5
3.1 Objetivo geral	5
3.2 Objetivos específicos	5
4. DESENVOLVIMENTO	5
4.1 Público alvo	5
4.2 Divulgação e seleção dos beneficiários	6
4.3 Carga horária	6
4.3 Abordagem	7
5. DIAGNÓSTICO	7
5.1 Formação do grupo	8
5.2 Aproximação com o território	8
5.3 Utopias, obstáculos e potenciais	9
5.3.1 Árvore dos sonhos	9
5.3.2 Matriz FOFA; Café com partilha	9
5.3.3 Definição do cardápio de conteúdos e aprendizagem	10
5.4 Envolvimento dos parceiros	10
6. EIXOS TEMÁTICOS	11
6.1 Formação em produção através de sistemas agroecológicos	11
6.1.1 Justificativa	11
6.1.2 Objetivo	12
6.1.3 Diagnóstico e construção participativa do eixo	12
6.1.4 Cardápio de Conteúdo	12
6.1.5 Oficinas de cunho teórico	13

6.1.6 Dias de campo	14
6.1.7 Visitas aos vizinhos (método camponês-camponês)	14
6.1.8 Viagens de intercâmbio	15
6.2 Fortalecimento e conquista da autonomia comunitária	15
6.2.1 Justificativa	15
6.2.2 Objetivo	16
6.2.3 Diagnóstico e construção participativa do eixo	16
6.2.4 Cardápio de conteúdos e aprendizagem	16
6.2.5 Oficinas de cunho teórico	17
6.2.6 Encontros pedagógicos	17
6.2.7 Viagens de intercâmbio	18
6.2.8 Dia de campo/ Visitas a coletivos	18
7. AVALIAÇÃO	18
7.1 Abordagem	19
7.2 Instrumentos de avaliação qualitativa	19
7.3 Indicadores	20
7.3.1 Indicador de avaliação	20
7.3.2 Indicador de continuidade	20
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	22

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

A região do Vale do Ribeira é composta por 31 cidades e nomeada assim graças a bacia hidrográfica do Rio Ribeira de Iguape. Ao sul do estado de São Paulo e leste do Paraná, o vale é lar da maior extensão de floresta atlântica remanescente do país e foi declarado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO como Patrimônio Natural da Humanidade (BUENO, 2003).

O município de Sete Barras está localizado no Vale do Ribeira, a aproximadamente 200 quilômetros de São Paulo capital e 30 quilômetros da BR-116 que liga o estado a Curitiba e é a principal via de escoamento de toda a região. Sete Barras tem uma pequena população de 13 mil habitantes com menos de 10% da população com ocupações formais segundo dados do IBGE. O território onde o curso foi planejado, trata-se do bairro rural do Guapiruvu, que está a cerca de 20 quilômetros do centro de Sete Barras.

Sobre bairros rurais, destaca-se a noção usada por Brandão (1999) como espaço entre a cidade e a selva; essa que deve ser e é transformada e aquela para onde não se almeja ir, mas que de certo modo passa a vir até a comunidade. Andrade (2017) destaca que os fatores clássicos para caracterizar um bairro rural estão relacionados à questão da autonomia dos camponeses. Neste sentido, o autor cita Van der Ploeg (2008) enuncia a autonomia como a “criação e desenvolvimento de uma base de recursos autocontrolada e auto gerenciada, a qual por sua vez permite formas de coprodução entre o homem e a natureza viva que interagem com o mercado”.

Com relação às atividades econômicas, o domínio é a agricultura. No passado, o bairro do Guapiruvu passou por influências japonesas e o cultivo era de arroz e gengibre, porém em 1980 houve a criação do Parque Estadual Intervales e Carlos Botelho e a área onde se encontra o bairro foi classificada como Zona de amortecimento, mudando o tipo de cultivo da região, sendo atualmente produção de banana e pupunha. Outra consequência foi o incremento na fiscalização ambiental da área através da presença da Polícia Militar Ambiental e de postos de fiscalização, o que resultou na proibição de algumas práticas realizadas pelos moradores, como as roças feitas no sistema de coivara, a caça e o extrativismo de algumas espécies vegetais. A partir de 2005,

após muitos conflitos pela terra, o assentamento agroambiental (PDS) Alves, Pereira e Teixeira, se estabeleceu na região e fixou 72 famílias nas terras da reforma agrária (ANDRADE, 2017).

2. JUSTIFICATIVA

O bairro do Guapiruvu apresenta um cenário bem específico de atuação: zona de amortecimento, presença de remanescentes de comunidades tradicionais indígenas, quilombolas e caiçaras e histórico de transformação e apropriação da mata atlântica. Inúmeros trabalhos acadêmicos foram e são realizados na área, entretanto, é necessário que a universidade seja capaz de dialogar com as comunidades rurais a fim de promover uma extensão transformadora, que supere a extensão do conhecimento prognóstico e construa os saberes de maneira participativa e dialógica. O constante agravamento da crise ambiental e socioeconômica exige novos modelos de desenvolvimento rural, é urgente a transformação na interação entre sociedade e natureza de forma que seja possível garantir a resiliência comunitária e a soberania alimentar através de processos que promovam a autonomia popular.

Uma educação participativa, baseada na extensão que se propõe a comunicar, ou seja, que constroem o conhecimento conjuntamente a fim de promover autonomia com participação social e emancipação, podem colaborar em comunidades em processos de transição agroecológica. O Guapiruvu passa por mudanças no uso do solo, devido ao processo de reforma agrária e constantes ataques às margens dos parques estaduais, além disso, alguns líderes locais e agricultores criaram nos anos 90 a Agenda 21 local e passaram a substituir gradativamente o plantio convencional para sistemas alternativos mais sustentáveis (AMIGO, 2017).

3. OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Estimular e contribuir, através de aprendizados participativos, a sensibilização, o fortalecimento e a construção da autonomia de agricultores e agricultoras familiares do bairro Guapiruvu, visando a educoagroecoflorestania do território.

3.2 Objetivos específicos

Promover um diagnóstico participativo que possibilite emergir, coletivamente, as necessidades prioritárias da comunidade;

Apoiar e incentivar a formação de formadores capazes de atuar para favorecer a: agroecologização, soberania alimentar, resiliência comunitária, mobilização social e incidência popular em políticas públicas no território;

Fortalecer e articular uma rede de atores que promova a continuidade da transição agroecológica territorial.

4. DESENVOLVIMENTO

4.1 Público alvo

Agricultores, agricultoras, lideranças locais e moradores em geral do bairro Guapiruvu que estejam interessado em refletir sobre agroecologização territorial e autonomia.

4.2 Divulgação e seleção dos beneficiários

Para divulgação inicial do projeto na comunidade, serão procuradas as lideranças locais, associações, cooperativas e outros atores locais que possam auxiliar neste processo de divulgação local. Para chegarmos a tais atores, será utilizado o método de bola de neve.

Após a divulgação e levantamento dos interessados em participar do projeto, serão selecionadas treze agricultoras e treze agricultores que tenham maior perfil agroecológico. Para se fazer esta consideração, será considerado: se o agricultor já produz de forma agroecológica, se diversifica sua produção, se jovens e mulheres estão envolvidos com as atividades de produção, se é associado ou cooperado. Além dessas 26 vagas destinadas a agricultores, serão disponibilizadas quatro vagas para técnicos que possam ter interesse em participar do projeto. Caso haja mais de quatro interessados, também se levará em consideração seu envolvimento prévio com a agroecologia para a seleção dos beneficiários, também levando em conta a igualdade de vagas por gênero. Eventuais alterações nessas proporções podem ser feitas, caso se justifique, sempre mantendo o limite de trinta participantes.

Um compromisso de participar de, ao menos, 75% das atividades mensais do projeto será solicitado aos beneficiários, sendo isso já informado nos momentos de divulgação do projeto.

4.3 Carga horária

Diagnóstico: 21h;

Eixo agroecologia: 120h;

Eixo autonomia: 117h;

Total: 258h;

Frequência: Semanal - inicialmente, serão realizadas as atividades de que tangem o diagnóstico, uma vez por semana. Após esta atividade ser concluída, as atividades referentes aos eixos “autonomia” e “agroecologia”, serão realizadas de forma alternada, sendo uma a cada semana.

Duração de cada encontro: 6h (teórico/prático) ou 3h (prático).

4.3 Abordagem

O projeto terá uma construção participativa, estimulando de forma dialógica a presença e atuação ativa de todas as pessoas envolvidas. O uso do método de elaboração conjunta permite

que a interação entre as envolvidas no processo de educação seja entendida e perseguida como uma proposta para a obtenção de novos conhecimentos, atitudes e habilidades; o método construtivista, no qual a base do pensamento construtivista consiste em considerar que há uma construção do conhecimento e, que para que isso aconteça, a educação deverá criar métodos que estimulem essa construção, ou seja, aprender a aprender (LIMA, 2016).

5. DIAGNÓSTICO

Segundo Antonio Lazaro Santana (2020) o diagnóstico consiste no conhecimento, análise e interpretação dinâmica de uma determinada realidade, como uma região, um município, uma comunidade, os produtores de uma microbacia, os agricultores de uma cooperativa ou clientes de uma empresa, etc.

Normalmente o diagnóstico envolve a coleta e análise de informações sobre:

- a) As características econômicas, sociais, culturais e outras do grupo social (público) com o qual se objetiva trabalhar;
- b) Os sistemas de produção predominantes: tipos de atividades e suas inter-relações, produção, produtividade, tecnologia empregada, mão-de-obra, crédito e outras políticas públicas disponíveis; limitações e potencialidades;
- c) Os recursos naturais como a topografia, o solo, a água, o clima, as áreas de preservação (descrição e avaliação);
- d) Caracterização geral do entorno da área (município ou região/território).

5.1 Formação do grupo

Com o intuito de entender a realidade e as expectativas da comunidade, três questões são delineadas: "Quem sou eu? Quem somos nós? O que nos une?". Para respondê-las, será conduzido um círculo de cultura iniciado pela apresentação individual dos participantes, seguido por um toró de ideias sobre "quem somos nós" e "o que nos une" e posterior problematização das respostas e avaliação da atividade. A atividade tem duração de 3 horas.

5.2 Aproximação com o território

A fim de elaborar conjuntamente respostas acerca de questões como: “Qual o nosso território? Quais as nossas principais demandas? Em que o projeto pode contribuir? Como?” será criado um mapa do território (Figura 1) com uma dinâmica de duas horas sobre “qual o nosso território?” e no toró de ideias em grupo levantar “quais as nossas principais demandas?” com cerca de uma hora de duração e com três horas de duração entender “como e com quais o projeto pode contribuir?”.

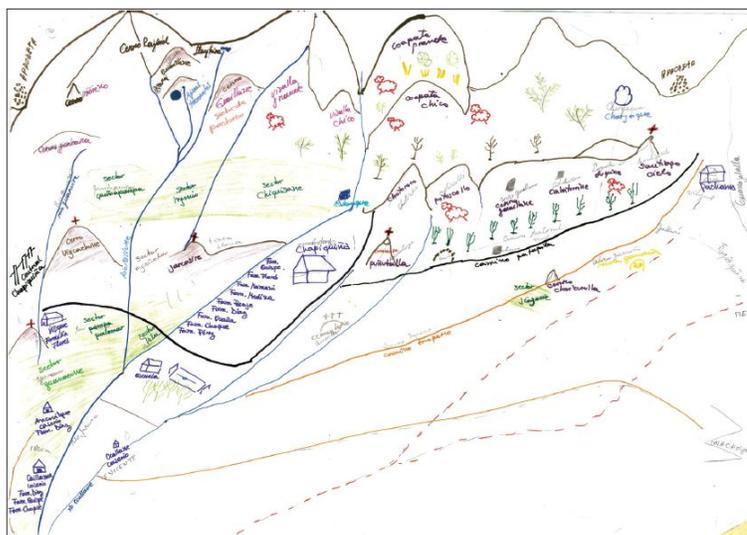


Fig 1. Exemplo de mapa do território.

Fonte: Google imagens

5.3 Utopias, obstáculos e potenciais

5.3.1 *Árvore dos sonhos*

Elaboração e construção da estrutura da árvore dos sonhos quanto às expectativas dos proprietários. Para a idealização da árvore dos sonhos: 1– Qual seu sonho pessoal?; 2- Expresse um sonho para sua propriedade; 3 – Um sonho para sua comunidade. E assim, realizar a discussão dos sonhos e elaboração da árvore conforme a Figura 2.

Fig 2. Modelo da árvore dos sonhos.



Fonte: Google imagens

5.3.2 *Matriz FOFA; Café com partilha*

A análise FOFA é uma técnica de planejamento estratégico utilizada para auxiliar pessoas ou organizações a identificar forças, fraquezas, oportunidades, e ameaças relacionadas à competição em negócios ou planejamento de projetos. Já o Café com Partilha ou World Café (Figura 3) é um método de conversação em grupo bastante utilizado e a técnica é muito útil para estimular a criatividade, explorar temas relevantes para o grupo e criar espaço para que a inteligência coletiva possa emergir (BAZILIO; PEREIRA; FIGUEIRA; SILVA, 2020).



Fig 3. Esquemática do café com partilha.

Fonte: Google imagens.

5.3.3 Definição do cardápio de conteúdos e aprendizagem

É uma das bases para a continuidade e a autogestão do processo educativo, trazendo um rol de possibilidades de aprendizagem, com diferentes conteúdos e formatos que pode ser acessada por grupos, ou individualmente, pelas educadoras(es) ambientais.

5.4 Envolvimento dos parceiros

Para melhor compreender os potenciais parceiros e os níveis de aproximação com os envolvidos será estruturada uma representação gráfica através do Diagrama de Venn, durante uma oficina de três horas. O Diagrama de Venn faz uma representação através de formas geométricas no qual o tamanho e a proximidade entre si varia conforme o grau de importância e vínculo, conforme o exemplo abaixo (Figura 4)

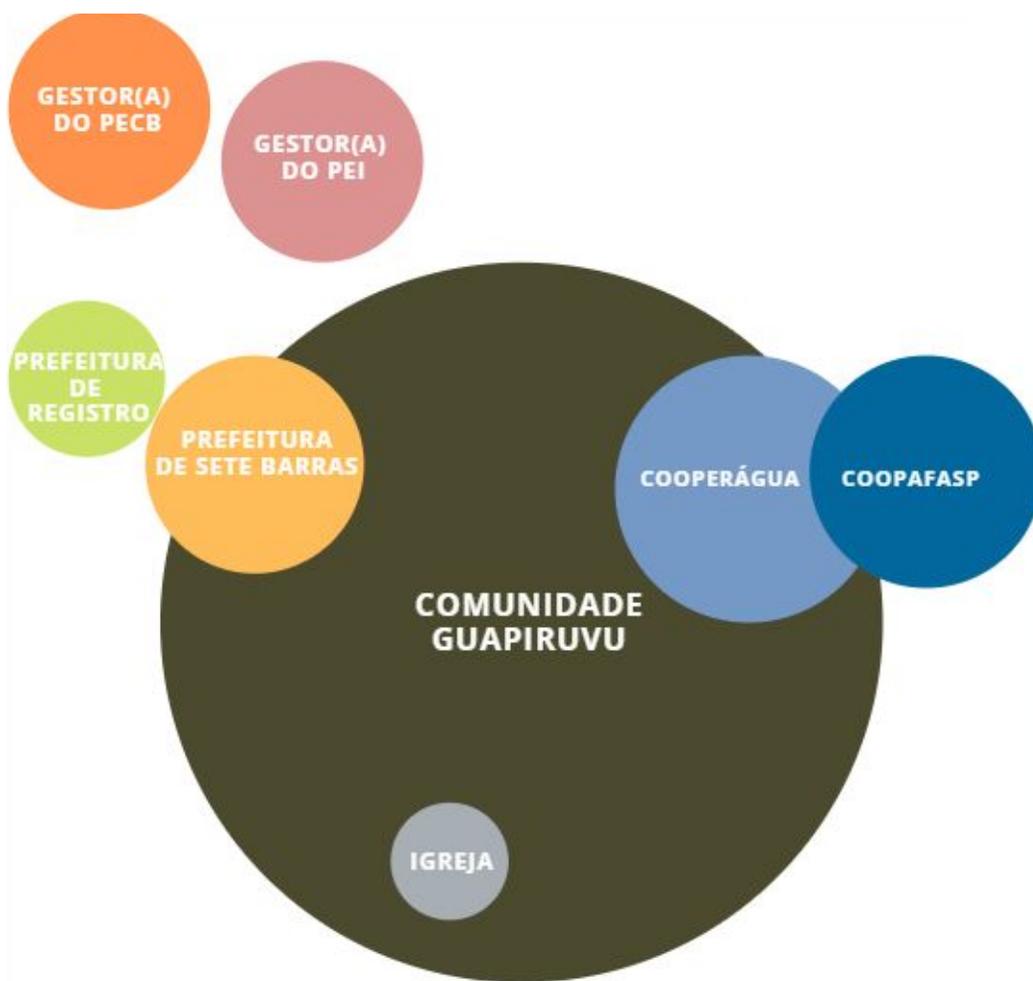


Figura 4. Representação gráfica do Diagrama de Ven

Fonte: Autor(as).

6. EIXOS TEMÁTICOS

6.1 Formação em produção através de sistemas agroecológicos

6.1.1 Justificativa

Os modos de produção agrícola convencionais, que vêm sendo implementados desde a revolução verde, têm resultado em contaminações da água e do solo, intoxicação de trabalhadores rurais e produção de alimentos com ampla quantidade de agrotóxicos. Além dos impactos ambientais e sobre a saúde de produtores e consumidores, tal modelo agrícola coloca os

agricultores reféns das indústrias de agroquímicos, o que possibilita questionar também a viabilidade econômica de tais modelos, especialmente sob a perspectiva dos pequenos produtores. Diante disto, construir e aprimorar modelos de produção agrícola, que proporcionem a geração de alimentos saudáveis e outros bens, aliado à manutenção e recuperação dos recursos naturais e que levem em consideração as particularidades de cada comunidade rural, se faz de grande necessidade. Neste cenário, a formação de agricultores e agricultoras para a produção agrícola, através de sistemas agroecológicos, se apresenta como etapa fundamental no processo de construção de novos modelos de produção (SANTOS; SIQUEIRA; ARAÚJO; MAIA, 2014).

6.1.2 Objetivo

Apoiar e incentivar a comunicação da agroecologia e a formação de formadores capazes de atuar para favorecer a agroecologização e a soberania alimentar no território.

6.1.3 Diagnóstico e construção participativa do eixo

A realização de um diagnóstico dentro deste eixo tem por objetivo levantar as principais necessidades dos sujeitos no que tange a cadeia de produção agroecológica, bem como construir, de forma conjunta, os métodos a serem utilizados e os conteúdos a serem refletidos. Para isso, será organizada uma oficina trazendo as seguintes reflexões:

- 1) O que entendemos por agroecologia? Como ela pode contribuir com nossos modos de produção? (Toró de ideias, exposição audiovisual - 1,5h)
- 2) O que nós já fazemos ou fazíamos de forma agroecológica? (Toró de ideias - 1,5h)
- 3) Sobre quais conhecimentos agroecológicos é importante dialogarmos? (Cardápio de conteúdos - 1,5h)

6.1.4 Cardápio de Conteúdo

Para a construção do cardápio de conteúdos, após toda a etapa do diagnóstico, será construído o menu de conteúdo junto aos beneficiários. Para isso, serão sugeridos temas relevantes no contexto da produção agroecológica, considerando o contexto local. Paralelo a isso, os beneficiários serão convidados a trazer temas que considerem interessantes de serem abordados.

Alguns temas norteadores são apresentados a seguir:

Introdução à agroecologia; justificativa, princípios e conceitos;

Importância da manutenção da biodiversidade e agrobiodiversidade;

Reconhecendo a nossa biodiversidade e agrobiodiversidade;

Princípios e técnicas de implantação e manejo de sistemas agroflorestais;

Manejo do solo e da matéria orgânica;

Compostagem;

Controle de desequilíbrios;

Poda de plantas arbóreas;

Beneficiamento e comercialização.

6.1.5 Oficinas de cunho teórico

As oficinas de cunho teórico visam construir os conceitos básicos das práticas agrícolas utilizadas na produção através de sistemas agroecológicos. Para estas oficinas serão utilizados recursos audiovisuais para apresentação expositiva como: lousa, papel pardo, tarjetas e demais recursos de papelaria que se possam fazer necessário para proporcionar a sensibilização dos participantes quanto aos temas levantados nas oficinas. Além do que será tangido em ambiente fechado, questões teóricas serão discutidas também em áreas agrícolas, sejam elas

agroecológicas ou não, em ambientes florestais, ou quaisquer outro meio que favoreça a reflexão de questões que concernem à produção agroecológica.

Duração: 6h (9h-12h / 14h-17h)

Objetivos: Construir conceitos sobre temas pouco ou não tangidos pelos sujeitos, facilitando o processo de aprendizagem

Quantidade de encontros: 9

6.1.6 Dias de campo

O intuito do dia de campo é proporcionar reflexões de cunho prático entre agricultores, estudantes, pesquisadores e técnicos, possibilitando a troca de conhecimentos tradicionais e científicos através do diálogo realizados em áreas de produção agrícola. Nestes encontros, serão abordados temas diversos, eventualmente já abordados nas oficinas de cunho teórico, aprofundando o aspecto prático da teoria.

Duração: 3h (8h-11h)

Objetivos: facilitar a troca de saberes entre as/os participantes; estimular a formação de agricultores multiplicadores

Quantidade: 6

6.1.7 Visitas aos vizinhos (método camponês-camponês)

A atividade de visita aos agricultores vizinhos visa capitalizar os conhecimentos agroecológicos de forma horizontal entre os próprios agricultores. Esta prática se baseia no método “campesino a campesino”, no qual os encontros são planejados e realizados pelos próprios agricultores (HOLT, 2008). Além da riqueza da troca proporcionada nesses momentos, tais encontros possibilitam a formação de agricultores formadores, uma vez que eles próprios são os facilitadores do processo. Desta forma, o empoderamento dos agricultores, enquanto formadores, acontece de forma prática, fortalecendo assim o processo de difusão da agroecologia e a formação de uma rede de formadores.

Duração: 3h (8h-11h)

Objetivos: facilitar a troca de saberes entre as/os participantes; estimular a formação de formadores

Quantidade: 12

6.1.8 Viagens de intercâmbio

As viagens de intercâmbio tem por objetivo conhecer trabalhos já consolidados em agroecologia. Desta forma, são realizadas viagens para regiões onde haja trabalhos que possam servir de referência, como agricultores com grande conhecimento em agroecologia, sítios modelos, centro de pesquisas, dentre outros, proporcionando assim trocas de experiências de processos já avançados, trazendo ideias e inspiração aos sujeitos do projeto.

Duração: 12h (dois dias)

Objetivos: possibilitar que os sujeitos conheçam agricultores ou outras referências já em processo avançado de agroecologização, que os anime na continuação de seus processos.

Quantidade: 1

6.2 Fortalecimento e conquista da autonomia comunitária

6.2.1 Justificativa

A autonomia das camponesas e dos camponeses é discutida a partir da constatação da realidade contraditória que vivem: são resistentes e permanecem em seus terrenos na tentativa de não desaparecer, mas, num sentido oposto, são consequência do próprio capitalismo que os oprime (MOURA, 1988). Diante disso, na busca por equilibrar tais dualidades e garantir resistência para as comunidades, soberania alimentar e empoderamento, é necessário encontrar e construir alternativas às tradicionais formas de interação com o mercado, que não se limite à agroindústria e venda por atravessadores.

Ações de educação ambiental que busquem a autonomia e emancipação popular com perspectiva crítica e transformadora buscam articular a participação dos diversos atores sociais,

objetivando fortalecer ou constituir grupos, comissões, conselhos, foros e colegiados de representação social. O fortalecimento e a constituição de espaços qualificados de discussão, participação e controle social é fundamental para uma atuação comunitária qualificada (SILVA et al, 2014). A autonomia, como objeto de reflexão deve ser entendida como naturalmente fluida e com diferentes movimentos, é necessário entender, prioritariamente, a dinamicidade da construção da autonomia por uma comunidade. Sendo assim, inicialmente, é necessário resgatar os avanços alcançados e atualizar a situação das ações anteriormente conduzidas.

6.2.2 Objetivo

Identificar, valorizar e impulsionar a autonomia camponesa por meio do uso e intercâmbio de conhecimentos, alicerçada no diálogo de saberes (técnico, científico e popular), a partir da experimentação agroecológica relacionada com a conservação da agrobiodiversidade.

6.2.3 Diagnóstico e construção participativa do eixo

Na intenção de emergir a reflexão sobre as urgências na construção da autonomia comunitária, é necessário resgatar as memórias do que foi previamente conquistado pelo grupo e quais os projetos a serem construídos. Será conduzida um círculo de cultura que permita emergir respostas às seguintes questões:

O que entendemos por autonomia? Ela pode contribuir com nossos objetivos? Como? O que construímos comunitariamente que garante a nossa autonomia? Quais projetos queremos construir na nossa comunidade? Como faremos isso?

- Chuva de ideias, exposição audiovisual - 1,5h

Sobre quais conhecimentos é importante dialogarmos? Como faremos isso?

- Cardápio de conteúdo e aprendizagem - 1,5h

6.2.4 Cardápio de conteúdos e aprendizagem

A partir das respostas que irão emergir, é realizada a definição dos conteúdos e práticas que serão adotadas no curso, esse ajuste é inicial e possibilita a alteração e o incremento de acordo com o progresso do curso. Alguns possíveis conteúdos foram delineados previamente, sendo:

- Mobilização popular
- Controle social
- Advocacy
- Feminismo camponês e popular
- Ecoturismo
- Economia solidária
- Articulação com parceiros

6.2.5 Oficinas de cunho teórico

A perspectiva teórica do eixo será trabalhado por meio de oficinas com a metodologia da educação popular, nas quais serão trabalhados os principais conceitos que abrangem a noção de autonomia por parte da comunidade.

Duração: 6h (9h-12h / 14h-17h)

Objetivos: Construir conceitos sobre temas pouco ou não tangidos pelos sujeitos, facilitando o processo de aprendizagem.

Quantidade de encontros: 9

6.2.6 Encontros pedagógicos

Entendendo-se que um dos caminhos para a autonomia é conquistado através do fortalecimento dos laços comunitários e da mobilização social, o desenvolvimento do eixo se

dará, em partes, na construção de dinâmicas de interação e socialização dos participantes, como a exibição de filmes, leituras compartilhadas, mapeamentos dos coletivos sociais, entre outros.

Duração: 3h (8h-11h)

Objetivos: facilitar a troca de experiências entre os sujeitos; estimular o sentimento de pertencimento; fortalecer os vínculos sociais.

Quantidade de encontros: 12

6.2.7 Viagens de intercâmbio

A viagem de intercâmbio possibilita uma grande oportunidade de visualização de outros projetos e comunidades com ações consolidadas nas áreas de ecoturismo, beneficiamento e comercialização de produtos agroecológicos, e fortalecimento da economia local e circular.

Promove a troca de experiências, a articulação de parceiros e inspira e energiza as ações em desenvolvimento no próprio território.

Duração: 12h (dois dias)

Objetivos: possibilitar que as participantes conheçam comunidades ou outras referências já em processo avançado de emancipação comunitária que os anime na continuação de seus processos.

Quantidade: 1

6.2.8 Dia de campo/ Visitas a coletivos

Para a consolidação e fortalecimento das parcerias, as visitas aos coletivos é essencial. Possibilita o vislumbre de oportunidades e ações que podem ser assumidas contínua e conjuntamente, aprimora o senso de pertencimento e mantém os participantes animados ao decorrer das experiências.

Duração: 3h (8h-11h)

Objetivos: articular redes e movimentos e aproximá-los

Quantidade: 5

7. AVALIAÇÃO

Compreende-se a avaliação como parte do processo de ensino-aprendizagem, devendo ser contínua e permanente, nela se estabelece o encontro com o outro, o respeito, a democracia e a pluralidade que aprimora o aprendizado. Dessa maneira, há alguns instrumentos capazes de permitir que a avaliação aconteça dentro desse contexto, com dinâmicas e rodas de conversa e é importante que esteja associada com todo o processo educativo, não só como uma atividade final, nem diagnóstica, senão como um processo estritamente articulado com o fazer educativo.

Para as dinâmicas tem a ferramenta da Linha do tempo, “o que essa mão já fez, o que essa mão pode fazer?” e retorno a árvore dos sonhos criada no início do projeto a fim de entender se os objetivos e resultados foram alcançados.

7.1 Abordagem

A avaliação será de maneira participativa ou Democrática, que é um processo contínuo e irá ocorrer em todas as fases do desenvolvimento das atividades, incorporando a perspectiva das populações beneficiadas na análise de aspectos e problemas relacionados ao planejamento, execução e resultados do projeto. Já para a avaliação de resultados, será realizada ao final da etapa de execução do projeto para avaliar se o projeto alcançou as metas previstas para cada um de seus objetivos e oferece elementos importantes para conhecer a efetividade, eficácia e eficiência do projeto ou programa e por fim, a avaliação de impacto que é realizada após a conclusão do projeto, analisa mudanças nos indicadores identificados inicialmente com o propósito de verificar se o projeto ou programa produziu impactos/alterações em determinadas condições de vida da população.

7.2 Instrumentos de avaliação qualitativa

Dinâmicas;
Roda de conversa;
Entrevistas abertas;
Resgate da árvore dos sonhos construída na etapa do diagnóstico;
Crítico/Felicito/Sugiro/Proponho.

7.3 Indicadores

7.3.1 Indicador de avaliação

Para avaliar melhor o desenvolvimento do projeto, serão criados indicadores que possam direcionar o acompanhamento do desempenho, como o indicador de desenvolvimento de processo formador, que busca identificar se existem processos formadores; o indicador de articulação entre teoria e prática do processo formativo, que verificar se houve articulação e integração entre teoria e prática a partir do processo; o indicador de transformação da realidade diagnosticada com problemas, a partir diálogo de saberes populares/comunitários, técnicos, acadêmicos e outros e narrativas construídas pelos participantes do processo formativo a partir da interação entre os mesmos; e o indicador de elevação da autoestima dos envolvidos (RAYMUNDO *et al.*, 2019).

7.3.2 Indicador de continuidade

Esse indicador é interessante para refletir se houve o processo de transformação proposto e se houve o desenvolvimento de possíveis multiplicadores de mudança. Sendo assim, o indicador de articulação de Redes, Movimentos socioambientais e Coletivos Educadores, com o planejamento conjunto de projeto, programa ou política pública; o indicador de planejamento

conjunto de projeto, programa ou política pública; se houve realização conjunta de evento ou outra ação pontual pela instituição proponente e a rede/movimento/ coletivo; o indicador de criação laços e vínculos comunitários/sociais, onde há criação de laços de cooperação e a motivação para engajamentos coletivos contribui para a autonomia e auto-organização; e o indicador de intervenções geradas a partir da execução do projeto, que detecta se gerou resultados práticos que podem contribuir para enfrentamento dos problemas e transformação agroecológica (RAYMUNDO *et al.*, 2019).

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Andrade (2017) é genuíno ao dizer que

“A autonomia dos agricultores familiares se cria e recria em cada momento da história. Cada gota de chuva, cada seca, cada árvore que é derrubada e cada árvore que é plantada, cada animal que visita a casa ou canta ao longe, cada nascimento e cada morte, todas as relações que se produzem, todas as crenças compartilhadas, as definições de perto e longe, a opressão e a liberdade, as tecnologias, enfim, todos os elementos da vida dos agricultores e agricultoras contribui de forma direta ou indireta para a formação da noção de autonomia. Não é diferente no bairro rural do Guapuruvu.”

Com isso, entende-se que esse projeto pode contribuir no sentido de ampliar as oportunidades para criarem e exercitarem seus próprios processos de desenvolvimento com autonomia, apoiados pelas diferentes instituições, academia e organizações que atuam nesse contexto rural, e ao mesmo tempo contribuir na posição de novas políticas públicas e novas estratégias de produção agrícola.

9. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMIGO, Ignacio. Apostando na exploração agroflorestal da Mata Atlântica brasileira. 2017. Disponível:<https://brasil.mongabay.com/2017/11/apostando-na-exploracao-agroflorestal-da-mata-atlantica-brasileira/>. Acesso em: 17 dez. 2020.

ANDRADE, Fernando Rabello Paes de et al. A autonomia dos agricultores familiares do bairro do Guapiruvu, Vale do Ribeira paulista. 2017.

ANTONIO LAZARO SANTANA (São Paulo). **PLANEJAMENTO EM EXTENSÃO RURAL**. Elaborado no Departamento de Fitotecnia Tecnologia de Alimentos e Socioeconomia-UNESP.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. O afeto da terra: imaginários, sensibilidades e motivações de relacionamentos com a natureza e o meio ambiente entre agricultores e criadores sitiantes no bairro dos Pretos, nas encostas paulistas da serra da Mantiqueira, em Joanópolis. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999, 195p.

BAZILIO, Jennifer; PEREIRA, Jessica de Aquino; FIGUEIRA, Maura Cristiane e Silva; SILVA, Eliete Maria. Generating meaningful conversation: world café in strategic interprofessional planning in continuing education. **Revista Brasileira de Enfermagem**, [S.L.], v. 73, n. 5, 2020. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2019-0279>.

BUENO, E. *Brasil: uma história*. 2ª edição revista. São Paulo. Ática. 2003. p. 19.

HOLT-GIMÉNEZ, E. Campesino a Campesino: Voces de Latino América, movimiento campesino a campesino para La agricultura sustentable. Managua, 294 p. 2008.

LIMA, Valéria Vernaschi. Espiral construtivista: uma metodologia ativa de ensino-aprendizagem. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, [S.L.], v. 21, n. 61, p. 421-434, 27 out. 2016. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0316>.

MOURA, Margarida Maria. (1988). Os deserdados da terra: R. Janeiro, Bertrand Brasil, 1988

PLOEG, J. D van der. Camponeses e impérios alimentares. Lutas por autonomia e sustentabilidade na era da globalização. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008.

RAYMUNDO, Maria Henriqueta Andrade *et al.* **CADERNO DE INDICADORES DE AVALIAÇÃO E MONITORAMENTO DE POLÍTICAS PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO AMBIENTAL: PROCESSO DE CONSTRUÇÃO PARTICIPATIVA E FICHAS METODOLÓGICAS**. São José do Campos: Instituto Nacional de Pesquisa Espaciais - Inpe, 2019.

SANTOS, Christiane Fernandes dos; SIQUEIRA, Elisabete Stradiotto; ARAËJO, Iriane Teresa de; MAIA, Zildenice Matias Guedes. A agroecologia como perspectiva de sustentabilidade na agricultura familiar. **Ambiente & Sociedade**, [S.L.], v. 17, n. 2, p. 33-52, jun. 2014. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/s1414-753x2014000200004>.

SILVA, Elisa Marie Sette; PENEIREIRO, Fabiana Mongeli; STRABELI, José; CARRAZZA, Luis Roberto; Guia de Elaboração de Pequenos Projetos Socioambientais para Organizações de Base Comunitária – Brasília -DF; Instituto Sociedade, População e Natureza (ISPN), 1ª edição, 2014.